

Um Dia Perfeito para Peixes-Banana - J. D. Salinger

HAVIA noventa e sete publicitários de Nova York no hotel, e, pela forma como monopolizavam as linhas de longa distância, a garota do 507 teve que esperar do meio-dia até quase duas e meia para conseguir fazer sua ligação. Ela aproveitou o tempo, no entanto. Leu um artigo em uma revista feminina de bolso, chamada "Sexo é Divertido - ou Inferno". Lavou seu pente e escova. Tirou a mancha da saia do seu tailleur bege. Mudou o botão da sua blusa da Saks. Depilou dois pelos que haviam surgido em sua pinta. Quando a telefonista finalmente tocou em seu quarto, ela estava sentada na janela e quase havia terminado de colocar esmalte nas unhas da mão esquerda.

Ela era uma garota que, para um telefone tocando, não deixava cair absolutamente nada. Ela parecia como se seu telefone estivesse tocando continuamente desde que atingiu a puberdade. Com seu pequeno pincel de esmalte, enquanto o telefone tocava, ela passou sobre a unha do seu dedo mindinho, acentuando a linha da lua. Em seguida, recolocou a tampa no frasco de esmalte e, levantando-se, passou sua mão esquerda - a úmida - para frente e para trás no ar. Com a mão seca, pegou um cinzeiro cheio na janela e o levou até a mesa de cabeceira, onde o telefone estava. Sentou-se em uma das camas de solteiro arrumadas e - era o quinto ou sexto toque - atendeu o telefone.

"Alô", disse ela, mantendo os dedos da mão esquerda estendidos e longe de seu roupão de seda branca, que era tudo o que ela estava vestindo, exceto as pantufas - seus anéis estavam no banheiro.

"Tenho sua ligação para Nova York agora, Sra. Glass", disse a telefonista.

"Obrigada", disse a garota, e fez espaço na mesa de cabeceira para o cinzeiro.

A voz de uma mulher veio através do telefone. "Muriel? É você?"

A garota virou o receptor ligeiramente para longe de sua orelha. "Sim, Mãe. Como vai você?" ela disse.

"Estou preocupada de morte com você. Por que você não ligou? Está tudo bem?"

"Tentei falar com você ontem à noite e na noite anterior. O telefone aqui tem estado - "

"Está tudo bem, Muriel?"

A garota aumentou o ângulo entre o receptor e sua orelha. "Estou bem. Estou quente. Este é o dia mais quente que eles tiveram na Flórida em - "

"Por que você não me ligou? Estou preocupada de - "

"Mãe, querida, não grite comigo. Posso ouvir você perfeitamente", disse a garota. "Liguei para você duas vezes ontem à noite. Uma vez logo depois - "

"Eu disse ao seu pai que você provavelmente ligaria ontem à noite. Mas, não, ele teve que... Está tudo bem, Muriel? Diga-me a verdade."

"Estou bem. Pare de me perguntar isso, por favor."

"Quando você chegou lá?"

"Não sei. Quarta-feira de manhã, cedo."

"Quem dirigiu?"

"Ele dirigiu", disse a garota. "E não se excite. Ele dirigiu muito bem. Fiquei impressionada."

"Ele dirigiu? Muriel, você me deu sua palavra de - "

"Mãe", a garota interrompeu, "eu acabei de dizer. Ele dirigiu muito bem. Abaixo de cinquenta o tempo todo, na verdade."

"Ele tentou alguma daquelas coisas engraçadas com as árvores?"

"Eu disse que ele dirigiu muito bem, Mãe. Agora, por favor. Pedi a ele para ficar perto da linha branca, e tudo mais, e ele sabia o que eu queria dizer, e fez. Ele estava até tentando não olhar para as árvores - dava para perceber. O papai consertou o carro, aliás?"

"Ainda não. Eles querem quatrocentos dólares, só para - "

"Mãe, o Seymour disse ao papai que ele pagaria por isso. Não há razão para - "

"Bem, veremos. Como ele se comportou - no carro e tudo mais?"

"Tudo bem", disse a garota.

"Ele continuou te chamando daquele horrível - "

"Não. Ele tem algo novo agora."

"O quê?"

"Ah, qual a diferença, Mãe?"

"Muriel, quero saber. Seu pai - "

"Tudo bem, tudo bem. Ele me chama de Miss Vagabunda Espiritual de 1948", disse a garota, e riu.

"Não é engraçado, Muriel. Não é engraçado de jeito nenhum. É horrível. É triste, na verdade. Quando penso em como - "

"Mãe", a garota interrompeu, "ouça-me. Você se lembra daquele livro que ele me mandou da Alemanha? Você sabe - aqueles poemas alemães. O que eu fiz com ele? Estou quebrando a cabeça - "

"Você tem ele."

"Tem certeza?" disse a garota.

"Com certeza. Quer dizer, eu tenho ele. Está no quarto do Freddy. Você deixou aqui e eu não tinha espaço para ele no - Por quê? Ele quer ele?"

"Não. Só que ele me perguntou sobre ele, quando estávamos dirigindo para baixo. Ele queria saber se eu tinha lido."

"Era em alemão!"

"Sim, querida. Isso não faz diferença", disse a garota, cruzando as pernas. "Ele disse que os poemas acontecem de serem escritos pelo único grande poeta do século. Ele disse que eu deveria ter comprado uma tradução ou algo assim. Ou aprendido o idioma, se você quiser."

"Horrível. Horrível. É triste, na verdade, é o que é. Seu pai disse ontem à noite - "

"Só um segundo, Mãe", disse a garota. Ela foi até a janela para pegar seus cigarros, acendeu um e voltou para seu lugar na cama. "Mãe?" ela disse, exalando fumaça.

"Muriel. Agora, ouça-me."

"Estou ouvindo."

"Seu pai falou com o Dr. Sivetski."

"Ah?" disse a garota.

"Ele contou tudo a ele. Pelo menos, ele disse que contou - você conhece seu pai. As árvores. Aquela coisa com a janela. Aquelas coisas horríveis que ele disse à Vovó sobre seus planos para morrer. O que ele fez com todas aquelas fotos lindas de Bermudas - tudo."

"E daí?" disse a garota.

"Bem. Em primeiro lugar, ele disse que foi um crime perfeito o Exército tê-lo liberado do hospital - minha palavra de honra. Ele disse muito claramente ao seu pai que há uma chance - uma chance muito grande, ele disse - de o Seymour perder completamente o controle de si mesmo. Minha palavra de honra."

"Tem um psiquiatra aqui no hotel", disse a garota.

"Quem? Qual é o nome dele?"

"Não sei. Rieser ou algo assim. Ele é suposto ser muito bom."

"Nunca ouvi falar dele."

"Bem, ele é suposto ser muito bom, de qualquer forma."

"Muriel, não seja atrevida, por favor. Estamos muito preocupados com você. Seu pai queria te mandar um telegrama ontem à noite para você voltar para casa, como questão de f - "

"Não vou voltar para casa agora, Mãe. Então relaxe."

"Muriel. Minha palavra de honra. O Dr. Sivetski disse que o Seymour pode perder completamente o contr - "

"Eu acabei de chegar, Mãe. Esta é a primeira férias que tiro em anos, e não vou simplesmente fazer as malas e voltar para casa", disse a garota. "Eu não poderia viajar agora de qualquer forma. Estou tão queimada de sol que mal consigo me mexer."

"Você está muito queimada de sol? Não usou aquele pote de Bronze que coloquei na sua bolsa? Eu coloquei bem - "

"Usei. Estou queimada de qualquer forma."

"Isso é terrível. Onde você está queimada?"

"Por toda parte, querida, por toda parte."

"Isso é terrível."

"Vou sobreviver."

"Diga-me, você falou com esse psiquiatra?"

"Bem, meio que", disse a garota.

"O que ele disse? Onde estava o Seymour quando você falou com ele?"

"Na Ocean Room, tocando piano. Ele tocou piano nas duas noites que estamos aqui."

"Bem, o que ele disse?"

"Ah, nada demais, na verdade. Quer dizer, estávamos no bar e tudo mais. Era muito barulhento."

"Sim, mas ele - você contou a ele o que ele tentou fazer com a cadeira da Vovó?"

"Não, Mãe. Não entrei em muitos detalhes", disse a garota. "Provavelmente vou ter a chance de falar com ele de novo. Ele fica no bar o dia todo."

"Ele disse que achava que havia uma chance de ele ficar - você sabe - engraçado ou algo assim? Fazer algo com você!"

"Não exatamente", disse a garota.

"Ele precisava de mais informações, Mãe. Eles precisam saber sobre sua infância - todas essas coisas. Eu te disse, mal conseguimos conversar, era tão barulhento lá dentro."

"Bem. Como está seu casaco azul?"

"Tudo bem. Tirei um pouco do enchimento."

"Como estão as roupas este ano?"

"Terríveis. Mas fora de série. Você vê lantejoulas - tudo", disse a garota.

"Como está seu quarto?"

"Tudo bem. Só que tudo bem, no entanto. Não conseguimos o quarto que tínhamos antes da guerra", disse a garota. "As pessoas são horríveis este ano. Você deveria ver quem senta ao nosso lado na sala de jantar. Na mesa ao lado. Eles parecem que vieram de caminhão."

"Bem, é assim por toda parte. Como está sua bailarina?"

"Está muito longa. Eu te disse que estava muito longa."

"Muriel, só vou te perguntar mais uma vez - você está realmente bem?"

"Sim, Mãe", disse a garota. "Pela nonagésima vez."

"E você não quer voltar para casa?"

"Não, Mãe."

"Seu pai disse ontem à noite que estaria mais do que disposto a pagar por isso se você fosse para algum lugar sozinha e pensasse sobre as coisas. Você poderia fazer um cruzeiro lindo. Nós dois pensamos - "

"Não, obrigada", disse a garota, e descruzou as pernas. "Mãe, esta ligação está custando um for - "

"Quando penso em como você esperou por aquele garoto durante toda a guerra - quero dizer, quando você pensa em todas aquelas esposas loucas que - "

"Mãe", disse a garota, "é melhor desligarmos. O Seymour pode entrar a qualquer minuto."

"Onde ele está?"

"Na praia."

"Na praia? Sozinho? Ele se comporta bem na praia?"

"Mãe", disse a garota, "você fala dele como se ele fosse um louco."

"Não disse nada disso, Muriel."

"Bem, você soa assim. Quero dizer, tudo o que ele faz é ficar deitado lá. Ele não tira o roupão."

"Ele não tira o roupão? Por quê?"

"Não sei. Acho que porque ele está tão pálido."

"Meu Deus, ele precisa de sol. Você não pode fazê-lo?"

"Você conhece o Seymour", disse a garota, e cruzou as pernas novamente. "Ele diz que não quer que um monte de idiotas olhem para sua tatuagem."

"Ele não tem nenhuma tatuagem! Ele fez uma no Exército?"

"Não, Mãe. Não, querida", disse a garota, e se levantou. "Olha, vou te ligar amanhã, talvez."

"Muriel. Agora, ouça-me."

"Sim, Mãe", disse a garota, colocando seu peso na perna direita. "Me ligue no instante em que ele fizer, ou disser, qualquer coisa engraçada - você sabe o que quero dizer. Você está me ouvindo?"

"Mãe, não tenho medo do Seymour."

"Muriel, quero que você me prometa."

"Tudo bem, prometo. Adeus, Mãe", disse a garota. "Meu amor para o papai." Ela desligou.

"Veja mais vidro", disse Sybil Carpenter, que estava hospedada no hotel com sua mãe.

"Você viu mais vidro?"

"Gatinha, pare de dizer isso. Está deixando a mamãe completamente louca. Fique quieta, por favor."

A Sra. Carpenter estava colocando óleo bronzeador nos ombros de Sybil, espalhando-o para baixo sobre as delicadas, asas de suas costas. Sybil estava sentada insegura em uma enorme bola de praia inflável, de frente para o oceano. Ela estava usando um biquíni amarelo canário, uma peça que ela não precisaria por mais nove ou dez anos.

"Era realmente apenas um lenço de seda comum - dava para ver quando você se aproximava", disse a mulher na cadeira de praia ao lado da Sra. Carpenter. "Gostaria de saber como ela amarrou. Era realmente adorável."

"Parece adorável", concordou a Sra. Carpenter. "Sybil, fique quieta, gatinha."

"Você viu mais vidro?" disse Sybil.

A Sra. Carpenter suspirou. "Tudo bem", disse ela. Ela recolocou a tampa no frasco de óleo bronzeador. "Agora corra e brinque, gatinha. A mamãe vai subir para o hotel e tomar um Martini com a Sra. Hubbel. Vou trazer a azeitona para você."

Solta, Sybil imediatamente correu para a parte plana da praia e começou a andar na direção do Fisherman's Pavilion. Parando apenas para afundar um pé em um castelo encharcado e desabado, ela logo saiu da área reservada para hóspedes do hotel. Ela caminhou por cerca de um quarto de milha e então, de repente, começou a correr obliquamente pela parte macia da praia. Ela parou bruscamente quando chegou ao lugar onde um jovem estava deitado de costas.

"Você vai entrar na água, ver mais vidro?" ela disse.

O jovem se assustou, sua mão direita indo para as lapelas de seu roupão de tecido felpudo. Ele se virou de bruços, deixando uma toalha salsicha cair de seus olhos, e olhou para Sybil com os olhos semicerrados. "Ei. Olá, Sybil."

"Você vai entrar na água?"

"Estava esperando por você", disse o jovem. "O que há de novo?"

"O quê?" disse Sybil.

"O que há de novo? O que está na programação?"

"Meu papai está vindo amanhã de avião", disse Sybil, chutando a areia.

"Não na minha cara, baby", disse o jovem, colocando a mão no tornozelo de Sybil. "Bem, já era hora dele chegar, seu papai. Estou esperando por ele a cada hora. A cada hora."

"Onde está a moça?" disse Sybil.

"A moça?" o jovem escovou um pouco de areia de seu cabelo fino. "Difícil dizer, Sybil. Ela pode estar em qualquer um dos mil lugares. No cabeleireiro. Pintando o cabelo de vison. Ou fazendo bonecas para crianças pobres, no quarto dela." Deitado de bruços agora, ele fez dois punhos, colocou um em cima do outro e descansou o queixo no de cima. "Me pergunte outra coisa, Sybil", disse ele. "Que biquíni bonito você está usando. Se tem uma coisa que eu gosto, é um biquíni azul."

Sybil olhou para ele, depois olhou para sua barriga saliente. "Este é amarelo", disse ela. "Este é amarelo."

"É? Chegue um pouco mais perto." Sybil deu um passo à frente. "Você está absolutamente certa. Que idiota eu sou."

"Você vai entrar na água?" disse Sybil.

"Estou pensando seriamente nisso. Estou pensando muito, Sybil, você vai ficar feliz em saber."

Sybil cutucou o flutuador de borracha que o jovem às vezes usava como apoio de cabeça. "Precisa de ar", disse ela.

"Você está certa. Precisa de mais ar do que estou disposto a admitir." Ele tirou os punhos e deixou o queixo descansar na areia. "Sybil", disse ele, "você está linda. É bom te ver. Me conte sobre você." Ele esticou a mão à sua frente e pegou os dois tornozelos de Sybil em suas mãos. "Sou Capricórnio", disse ele. "E você?"

"Sharon Lipschutz disse que você deixou ela sentar no banco do piano com você", disse Sybil.

"Sharon Lipschutz disse isso?"

Sybil acenou com a cabeça vigorosamente.

Ele soltou os tornozelos dela, puxou as mãos e deitou o lado do rosto no antebraço direito. "Bem", disse ele, "você sabe como essas coisas acontecem, Sybil. Eu estava sentado lá, tocando. E você não estava à vista. E Sharon Lipschutz veio e sentou ao meu lado. Não podia empurrá-la, podia?"

"Sim."

"Ah, não. Não. Não podia fazer isso", disse o jovem. "Vou te dizer o que eu fiz, no entanto."

"O quê?"

"Finge que era você."

Sybil imediatamente se abaixou e começou a cavar na areia. "Vamos entrar na água", disse ela.

"Tudo bem", disse o jovem. "Acho que posso encaixar isso."

"Da próxima vez, empurre ela", disse Sybil.

"Empurrar quem?"

"Sharon Lipschutz."

"Ah, Sharon Lipschutz", disse o jovem. "Como esse nome surge. Misturando memória e desejo." Ele de repente se levantou. Ele olhou para o oceano. "Sybil", disse ele, "vou te dizer o que vamos fazer. Vamos ver se conseguimos pegar um peixe-banana."

"Um quê?"

"Um peixe-banana", disse ele, e desabotoou o cinto de seu roupão. Ele tirou o roupão. Seus ombros eram brancos e estreitos, e sua sunga era azul royal. Ele dobrou o roupão, primeiro no sentido do comprimento, depois em três partes. Ele desenrolou a toalha que havia usado sobre os olhos, espalhou-a na areia e depois colocou o roupão dobrado em cima dela. Ele se abaixou, pegou o flutuador e o prendeu sob o braço direito. Então, com a mão esquerda, ele pegou a mão de Sybil.

Os dois começaram a caminhar até o oceano. "Imagino que você já viu muitos peixes-banana em sua vida", disse o jovem.

Sybil balançou a cabeça.

"Você não viu? Onde você mora, afinal?"

"Não sei", disse Sybil.

"Claro que sabe. Você deve saber. Sharon Lipschutz sabe onde ela mora e ela tem apenas três anos e meio."

Sybil parou de andar e puxou a mão dele. Ela pegou uma concha de praia comum e olhou para ela com interesse elaborado. Ela jogou no chão. "Whirly Wood, Connecticut", disse ela, e continuou andando, com a barriga para frente.

"Whirly Wood, Connecticut", disse o jovem. "Isso é perto de Whirly Wood, Connecticut, por acaso?"

Sybil olhou para ele. "É onde eu moro", disse ela impacientemente. "Eu moro em Whirly Wood, Connecticut." Ela correu alguns passos à frente dele, pegou o pé esquerdo na mão esquerda e pulou duas ou três vezes.

"Você não tem ideia de como isso deixa tudo claro", disse o jovem.

Sybil soltou o pé. "Você leu O Pequeno Sambo?" ela disse.

"É muito engraçado você me perguntar isso", disse ele. "Acontece que eu acabei de ler ontem à noite." Ele se abaixou e pegou a mão de Sybil novamente. "O que você achou?" ele perguntou a ela.

"Os tigres correram ao redor daquela árvore?"

"Achei que eles nunca iriam parar. Nunca vi tantos tigres."

"Só havia seis", disse Sybil.

"Só seis!" disse o jovem. "Você chama isso de só?"

"Você gosta de cera?" Sybil perguntou.

"Eu gosto de quê?" perguntou o jovem.

"Cera."

"Muito. E você?"

Sybil acenou com a cabeça. "Você gosta de azeitonas?" ela perguntou.

"Azeitonas - sim. Azeitonas e cera. Nunca vou a lugar nenhum sem elas."

"Você gosta de Sharon Lipschutz?" Sybil perguntou.

"Sim. Sim, gosto", disse o jovem. "O que eu gosto particularmente nela é que ela nunca faz nada de mal para cachorrinhos no saguão do hotel. Aquele touro de brinquedo que pertence àquela senhora do Canadá, por exemplo. Você provavelmente não vai acreditar nisso, mas algumas garotinhas gostam de cutucar aquele cachorrinho com varinhas de balão. Sharon não. Ela nunca é má ou unkind. É por isso que gosto tanto dela."

Sybil ficou em silêncio.

"Eu gosto de mastigar velas", disse ela finalmente.

"Quem não gosta?" disse o jovem, molhando os pés. "Uau! Está frio." Ele deixou o flutuador de borracha cair de costas. "Não, espere um segundo, Sybil. Espere até sairmos um pouco."

Eles caminharam até que a água chegasse à cintura de Sybil. Então o jovem a pegou e a deitou de bruços no flutuador.

"Você nunca usa touca de natação ou algo assim?" ele perguntou.

"Não solte", Sybil ordenou. "Você me segura agora."

"Senhorita Carpenter. Por favor. Eu sei do meu negócio", disse o jovem. "Você só fica de olho em qualquer peixe-banana. Este é um dia perfeito para peixes-banana."

"Não vejo nenhum", disse Sybil.

"É compreensível. Seus hábitos são muito peculiares." Ele continuou empurrando o flutuador. A água não chegava ao peito dele. "Eles levam uma vida muito trágica", disse ele. "Você sabe o que eles fazem, Sybil?"

Ela balançou a cabeça.

"Bem, eles nadam para um buraco onde há muitas bananas. Eles são peixes de aparência muito comum quando nadam. Mas uma vez que entram, eles se comportam como porcos. Ora, já conheci alguns peixes-banana que nadaram para um buraco de banana e comeram até setenta e oito bananas." Ele empurrou o flutuador e sua passageira um pé mais perto do horizonte. "Naturalmente, depois disso, eles ficam tão gordos que não conseguem mais sair do buraco. Não cabem pela porta."

"Não muito longe", disse Sybil. "O que acontece com eles?"

"O que acontece com quem?"

"Com os peixes-banana."

"Ah, você quer dizer depois que eles comem tantas bananas que não conseguem sair do buraco de banana?"

"Sim", disse Sybil.

"Bem, odeio te dizer, Sybil. Eles morrem."

"Por quê?" perguntou Sybil.

"Bem, eles pegam febre de banana. É uma doença terrível."

"Está vindo uma onda", disse Sybil nervosa.

"Vamos ignorá-la. Vamos dar um fora", disse o jovem. "Dois esnobes." Ele pegou os tornozelos de Sybil em suas mãos e pressionou para baixo e para frente. O flutuador passou por cima da onda. A água encharcou o cabelo loiro de Sybil, mas seu grito estava cheio de prazer.

Com a mão, quando o flutuador ficou nivelado novamente, ela limpou uma faixa de cabelo molhada e plana de seus olhos e relatou: "Acabei de ver um."

"Ver o quê, meu amor?"

"Um peixe-banana."

"Meu Deus, não!" disse o jovem. "Ele tinha alguma banana na boca?"

"Sim", disse Sybil. "Seis."

O jovem de repente pegou um dos pés molhados de Sybil, que estavam caídos na ponta do flutuador, e beijou o arco.

"Ei!" disse a dona do pé, se virando.

"Ei, você mesma. Vamos entrar agora. Já deu?"

"Não!"

"Desculpe", disse ele, e empurrou o flutuador em direção à costa até que Sybil descesse. Ele carregou o resto do caminho.

"Adeus", disse Sybil, e correu sem remorso na direção do hotel.

O jovem colocou seu roupão, fechou as lapelas com força e enfiou a toalha no bolso. Ele pegou o flutuador molhado, viscoso e pesado e o colocou sob o braço. Ele caminhou sozinho pela areia macia e quente em direção ao hotel.

No sub-andar do hotel, que a gerência orientava os banhistas a usar, uma mulher com bálsamo de zinco no nariz entrou no elevador com o jovem.

"Vejo que você está olhando para meus pés", disse ele a ela quando o carro estava em movimento.

"Peço desculpas?" disse a mulher.

"Eu disse que vejo que você está olhando para meus pés."

"Peço desculpas. Acontece que eu estava olhando para o chão", disse a mulher, e virou-se para as portas do carro.

"Se você quiser olhar para meus pés, diga", disse o jovem. "Mas não seja um idiota sobre isso."

"Me deixe aqui, por favor", disse a mulher rapidamente para a garota que operava o carro.

As portas do carro se abriram e a mulher saiu sem olhar para trás. "Tenho dois pés normais e não consigo ver a menor razão para que alguém os olhe", disse o jovem. "Cinco, por

favor." Ele tirou sua chave do quarto do bolso do roupão. Ele desceu no quinto andar, caminhou pelo corredor e entrou no 507. O quarto cheirava a bagagem nova de couro de bezerro e removedor de esmalte.

Ele olhou para a garota dormindo em uma das camas de solteiro. Então ele foi até uma das malas, abriu e, de baixo de uma pilha de shorts e cuecas, tirou uma automática Ortgies calibre 7,65. Ele soltou o carregador, olhou para ele e depois o inseriu novamente. Ele engatilhou a arma. Então ele foi até a cama de solteiro desocupada, sentou-se, olhou para a garota, mirou a pistola e disparou uma bala em sua têmpora direita.

Fim